

# LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES  
(ORGANIZADORA)**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES  
(ORGANIZADORA)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras: semiótica, linguística e suas vertentes [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena  
Editora, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-923-3  
DOI 10.22533/at.ed.233201601

1. Letras. 2. Linguística. 3. Semiótica. I. Gomes, Angela Maria.  
CDD 410

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Em uma definição simplificada, a semiótica revela as formas como o indivíduo dá significado a tudo que o cerca, estudando os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais – Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião... – Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes traz uma seleção de artigos que estudam como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente.

Partindo desde análises de romances - Chão Bruto, quanto ao seu processo de elaboração -; passando pela transposição de elementos literários de Rachel de Queiroz para a visualidade televisiva; poemas como Mal Secreto - a partir da ótica da análise do discurso considerando fatores como o contexto social e histórico em que foi produzido, apontando, numa abordagem inovadora, alguns motivos os quais podem levar alguém a uma vida de aparências e analisar como o poema apresenta uma temática muito presente nos dias atuais: a depressão -; chegamos até a Literatura Amazonense e sua abordagem durante a formação acadêmica.

Os avanços tecnológicos configuram mudanças significativas na linguagem, nessa perspectiva, novas formas textuais emergem e apresentam outras concepções de textos. Aqui encontramos os “memes”, apresentados como gêneros que acrescem a possibilidade de uma leitura dinâmica e participativa por oferecer categorias discursivas e aspectos multissemióticos na sua composição, ampliando assim os estudos linguísticos e discursivos. Enfocando o gênero biográfico, enquanto elemento que legitima expressões e perspectivas dissidentes, discute-se a expressão (auto) biografia - concebida como expressão que permite apreender conjunturas coletivas a partir de óticas individuais.

É notório como a educação ainda enfrenta problemas relacionados à questão da linguagem. Por conseguinte, o professor e a escola desempenham um papel primordial nessa questão, pois são esses os encarregados em fazer com que o indivíduo obtenha um bom aprendizado no seu desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, a formação profissional dos educadores deve estar sempre em evidência para suprir tais demandas. Dessa forma aqui encontramos estudos acerca do desenvolvimento progressivo de docentes, assim como a prática de uma educação inclusiva, tanto no que diz respeito a alunos com deficiência, e mesmo aqueles que vivem em periferias, apresentando a linguagem como uma forma de empoderamento desses indivíduos.

Viver em uma sociedade em letramento requer a competência de concretizar distintas formas de leituras que emergem cotidianamente, assim como práticas pedagógicas que sejam de natureza inclusiva e emancipatória. Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes vem no auxílio dessas reflexões.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A PRÁTICA INTER-REFLEXIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	
Yuri Andrei Batista Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “MAL SECRETO”, DE RAIMUNDO CORREIA: OS SENTIMENTOS POR TRÁS DAS MÁSCARAS	
Vitória Carvalho dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE MEMES ANTIFEMINISTAS	
Adriana Coelho Freitas Avacy Primário de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DO VOTO VENCIDO DO JULGAMENTO DA ADI 5357	
Bianca Quitéria de Moura Santana Virgínia Colares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
ESPAÇO BIOGRÁFICO: MÚLTIPLAS FORMAS DE ENUNCIÇÃO E PERSPECTIVAS DISSIDENTES	
Leandro Souza Borges Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
LITERATURA E REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL NO ROMANCE <i>CHÃO BRUTO</i> DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
<i>MEMORIAL DE MARIA MOURA</i> , A MULHER NO FAROESTE-FOLHETIM BRASILEIRO: NOVAS PERSPECTIVAS LITERÁRIAS E TELEVISIVAS DA CULTURA	
Camille Harzig Carradore Dirceu Martins Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
O DISCURSO INCLUSIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL COM UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS	
Jandira Azevedo da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016018</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
O EMPODERAMENTO POR MEIO DA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE FUTURO OBSERVADA EM TEXTOS ESCOLARES DA PERIFERIA DE BRASÍLIA	
Mara Cristina Santos Freitas Escórcio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2332016019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>112</b>
O IMPACTO DA PEC 241/55 NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	
Cíntia Cleane Bonfim Fragoso	
Juan Facundo Sarmiento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23320160110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
O LETRAMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS NA CIDADE DE MANAUS	
Maison Antonio dos Anjos Batista	
Maridulce Ferreira Lustosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23320160111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
REFLEXÕES SOBRE MULTIMODALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL (PBLA): POTENCIALIDADES DA RESSEMIOTIZAÇÃO DE VÍDEOS	
Janaína de Aquino Ferraz	
Glauber Rodrigues de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23320160112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
REPÓRTER-PERSONAGEM: FOCO NARRATIVO, SEMIOSE E VINCULAÇÃO NA REPORTAGEM 'A CASA DE VELHOS', DE ELIANE BRUM	
Maria Cecília Costa Braga da Silva	
Ítala Clay de Oliveira Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23320160113</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>147</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>148</b>



## ESPAÇO BIOGRÁFICO: MÚLTIPLAS FORMAS DE ENUNCIÇÃO E PERSPECTIVAS DISSIDENTES

*Data de submissão: 21/10/2019*

*Data de aceite: 13/12/2019*

### **Leandro Souza Borges Silva**

Universidade Estadual de Santa Cruz  
Ilhéus – Bahia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4477753197074182>

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGLLR), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas, também pela UESC. E-mail: [leandroborges@hotmail.com](mailto:leandroborges@hotmail.com)

Esse artigo faz parte da pesquisa intitulada 'Narrativas de si na cidade: O espaço urbano periférico em Amara Moira e Geovani Martins', pesquisa de mestrado inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGLLR), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob orientação do professor Ricardo Oliveira de Freitas (UNEB/UESC) E-mail: [ricofrei@gmail.com](mailto:ricofrei@gmail.com)

**RESUMO:** A presente abordagem tem como objetivo focar o gênero biográfico enquanto elemento que legitima expressões e perspectivas dissidentes. Para isso, dentre outros conceitos, problematiza-se a noção de Espaço Biográfico (ARFUCH, 2010), considerando sua

interatividade temática e multimodal, tendo em vista que sua dimensão relacional possibilita conceber as diversas formas biográficas em suas diferentes esferas de veiculação. Assim, numa discussão reflexivo-teórica, discute-se a expressão (auto)biográfica com base em Dosse (2015), Lejeune (2008) e Souza (2011). Dessa forma, considera-se relevante afirmar que, muito mais que o interesse pela vida privada, o biográfico e suas modalidades de expressão devem ser concebidas como expressão que permite apreender conjunturas coletivas a partir de óticas individuais, notabilizando sujeitos dissidentes. Como resultado, nota-se que o biográfico tem se afastado das grandes narrativas para enviesar sujeitos à margem que dinamizam a vida social. A ascensão de perspectivas expressivas que solapam discursos hegemônicos e totalitários advém, portanto, de intensos movimentos de subversão e resistência que, se não findaram plenamente as formas de opressão e segregação social, impugnam aos sistemas de significação novas formas de compreensão e abordagem social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço Biográfico. Excluídos. Políticas de identidade.

**ABSTRACT:** This work approach aims on the biographical genre as an element that legitimizes dissentives and perspectives expressions. For this, among other concepts, the notion of biographical space (ARFUCH, 2010) is exemplified, considering its thematic and multimodal interactivity, given that its relational dimension makes it possible to conceive the various biographical forms in its different communication spheres. Thus, in a reflexive-theoretical discussion, the present work discuss the biographical expression based on Dosse (2015), Lejeune (2008) and Souza (2011). Therefore, it is considered relevant to affirm that, much more than the interest in private life, the biographic and its modalities of expression should be conceived as an expression that allows to learn collective conjunctures from individual optics, notenabling dissident subjects. As a result, one can observe that the biographic has been removed from the great narratives in order to skew individuals to the margins that streamline social life. The rise of expressive perspectives that undergo hegemonic and totalitarian discourses, moreover, from intense movements of subversion and resistance that, if they did not fully fined the forms of oppression and social segregation, they challenged the systems of signifying new forms of understanding and social approach.

**KEYWORDS:** Biographic space. Deleted. Identity policies.

O surgimento de expressões de cunho biográfico coincide, de certa forma, com a criação dos mecanismos de expressão e comunicação humana, de modo que as primeiras expressões se relacionavam com aspectos cotidianos e culturais de determinada comunidade. As figuras, desenhos e ilustrações feitas pelas antigas sociedades da pré-história sempre remetiam ao aspecto vivencial de uma coletividade, suas crenças, hábitos e valores.

Igualmente, na antiguidade, prevalecia a noção de coletividade, sendo que nessas expressões preponderava a instância grupal enquanto signo da unidade, diferentemente do que ocorreu na era moderna, quando ideais iluministas fundaram noções de individualidade.<sup>1</sup> Tanto por vias orais ou escritas, produções poéticas de cunho épico, a exemplo da *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, tinham como finalidade exaltar um povo, uma nação, atribuindo às personagens características morais nobres, virtudes que identificam e enaltecem uma coletividade. Cantar em tom grandiloquente as aventuras dos heróis, seus desafios e conquistas se efetuava enquanto processo de construção e legitimação identitária de uma nação e, portanto, de seus cidadãos.

Em sentido amplo, as primeiras expressões humanas se constituam de biografias coletivas, constructos que apresentavam aspectos vivenciais de específicas relações grupais. O vocábulo “biografia” remonta etimologicamente às palavras gregas *Bios*

---

<sup>1</sup> Não cabe na presente abordagem estabelecer discussão fundamentalmente histórica acerca das manifestações biográficas, porém serão reproduzidas discussões que referenciam fatos já conhecidos pela sociedade em geral.

(vida) e *Gráphein* (descrever, gravar, desenhar), sendo que sua significação, mesmo que tenha se modificado com o tempo, mantém sua acepção principal: escrever (sobre) uma vida. Sendo inerente à condição humana, expressões biográficas começaram por se manifestar anteriormente à propagação da escrita, evoluindo em multifacetadas formas de expressão com a advento da imprensa. Fosse para narrar a respeito de coletividades, grandes heróis, figuras ilustres, personalidades ou indivíduos específicos, a biografia começou por manifestar-se em gêneros não puramente biográficos, a exemplo das epopeias, sagas e, mais futuramente, em textos hagiográficos, narrativas que contavam as vidas de homens santos, sacralizados. Ao sofrer mutações ao longo da história, os textos biográficos adquirem destacado reconhecimento, sendo então concebidos enquanto leitura que proporcionava um saber erudito (DOSSE, 2015).

Evoluindo, a “biografia se tornou, com o passar do tempo, um discurso de autenticidade, remetendo à intenção de verdade por parte do biógrafo” (DOSSE, 2015, p. 12). Nesse processo, a biografia se constitui também enquanto subgênero literário e coopta procedimentos de expressão e recepção de outros gêneros, a exemplo do romance. Essa intenção de verdade encontra profícuo campo de problematização, pois ao utilizar-se dos mesmos mecanismos de construção ficcional, a biografia é questionada em sua intenção de veicular a realidade, tendo em vista que narrar, pôr em escrito uma trajetória vivencial, requer atos de fabulação típicos do gênero romanesco.

Textos biográficos, nesse contexto, são criticados pelo seu viés subjetivo. No dizer de François Dosse (2015, p. 13), ao ter sua realidade histórica descreditada por se utilizar desses procedimentos ficcionais e aglutinar-se a outros gêneros, o aspecto “híbrido do gênero biográfico, a dificuldade de classificá-lo numa disciplina organizada, a pulverização entre tentações contraditórias [...] fizeram dele um subgênero há muito sujeito ao opróbrio e a um déficit de reflexão”.

Em *A ilusão biográfica* (2005), publicado em 1986, Pierre Bourdieu problematiza justamente esse caráter totalizante, linear e prospectivo que muitas biografias apresentam, questionando a confiabilidade de transformar em palavras uma trajetória vivencial que, ao contrário do que preconizava a metodologia biográfica tradicional, é sempre complexa, diversa e não-linear. Esse caráter híbrido da biografia, se por um lado a submetia a olhares desconfiados dos historiadores e demais camadas de estudiosos, que a consideravam ameaça à ciência, colocavam-na entre os textos mais procurados e lidos pelo público em geral, que reconheciam seu caráter romanesco e, por muitas vezes, lúdico. Esse gosto popular por biografias e romances históricos foi o suficiente para preservá-la até uma possível conciliação desse gênero com camadas científicas de produção do saber, haja vista que seu aspecto híbrido, se antes a descreditava, “a saber, seu caráter inclassificável, passou a ser um trunfo, pois o gênero biográfico está à altura de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias graças à sua receptividade” (DOSSE, 2015, p. 17).

A busca por conhecer o *Outro* em biografias, imaginá-lo e reconhecê-lo enquanto

instância pessoal, se motivou inúmeros leitores assíduos por desvendar a vida de outrem, motivou também sua leitura e análise por determinados segmentos das ciências humanas, que reconhecem a biografia em suas características genésicas: a de um constructo que pode representar uma coletividade e as condições de determinado período histórico. As possibilidades de conceber produções literárias biográficas como objetos de reflexão encontra aporte na premissa de que toda produção humana é socio-historicamente localizada. Partindo desse pressuposto, ao conceber esse gênero em suas implicações extratextuais, são operados procedimentos de análise e discussão que põem em pauta seus produtores, receptores e os condicionantes de sua produção, permitindo compreender específicas tonalidades sociais, econômicas e históricas de determinadas conjunturas.

Entretanto, o ato de considerar os elementos e condicionantes extratextuais da produção literária foi durante muito tempo combatida, principalmente por movimentos intelectuais como o *Formalismo Russo*. Esses movimentos pregavam, dentre outras concepções estéticas, a não relação entre autor e obra, bem como defendiam que o texto deveria ser abordado em suas características imanentes, sendo ignorados os elementos extratextuais que são inerentes na produção e recepção literárias. Categorias como o sujeito eram assim excluídas em nome da autorreferencialidade e da supremacia tão só da linguagem no processo de significação: “o referente não existe fora da linguagem, mas é produzido pela significação, depende da interpretação. O mundo sempre é já interpretado, pois a relação linguística primária ocorreu entre representações” [...] (COMPAGNOM, 2012, p. 97).

No seio da corrente estruturalista, cujo legado de Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce influenciaram Roman Jakobson e outros pensadores de viés formalista, a concepção de referencialidade do texto promulga a independência textual em relação a seus elementos exteriores, dentre eles a figura autoral. Também no âmbito dos ideais estruturalista, Roland Barthes, em *A morte do autor*, relega a influência autoral e afirma que “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor” (BARTHES, 2004, p. 64), de modo que ao receptor é dado protagonismo na interpretação do texto.

Consoante nessas acepções, Michel Foucault, em *O que é um autor*, questiona a figura autoral em sua instância totalizante e problematiza o autor tido como fonte de toda e qualquer expressão. Em Foucault, nota-se a defesa do conceito de autor não em sua constituição corporal, tampouco enquanto aquele que é proprietário do texto, mas enquanto aquele que é constituído por discursos. A autoria, nesse contexto, se efetua como uma instância discursiva, haja vista que sujeito e autor são categorias diferentes: “o autor deve se apagar ou ser apagado em proveito das formas próprias ao discurso” (FOUCAULT, 2001, p. 294).

Na acepção do pensador francês, vemos o que ele denomina de *Função-Autor*. Tal concepção assume que o autor não se constitui de uma pessoa física, carnal, mas de discursos específicos que permeiam determinada conjuntura social e histórica.

Portanto, a instância da função-autor, como determina Foucault, atua no plano do discurso, traz outros dizeres que foram construídos no tempo histórico, lacunas que só podem ser preenchidas pelo receptor, o leitor. O autor, portanto, para além da materialidade dos indivíduos, é uma instância discursiva em que atua o sujeito.

A concepção de Foucault acerca da posição do autor nas relações sociais adquiriu importância essencial para a nova formação intelectual pós-estruturalista em que o semiólogo francês Roland Barthes se formava. Barthes, que até então havia promulgado a morte do autor no seio da corrente estruturalista, sente na teoria de Foucault uma resposta à altura e, juntamente com uma série de novos ideais e concepções amadurecidas, ressuscita o autor. No entanto, o conceito de autor que agora retorna não é mais o de outrora, agora, a instância autoral que Barthes traz à tona não detém mais as respostas do texto, é destituído da alcunha de “dono da obra” e necessita do leitor para que exista. Esse processo de mudança que se efetua no semiólogo francês decorre das grandes alterações efetuadas no campo do estruturalismo, onde eram fundadas suas postulações imanentistas.

Tais acepções, portanto, sofrem abalos, de maneira que os questionamentos à instância autoral e a negação da referencialidade do texto são discutidos com vias a reinserir o sujeito nas abordagens conceituais. As chamadas “crise da representação” e “virada linguística” apresentam correntes de pensamento concatenadas ao Pós-Estruturalismo e, de certo modo, dos Estudos Culturais, que desestabilizam acepções de teor estruturalista e formalista, haja vista que as grandes narrativas “[...] tornam-se desacreditadas, à medida que suas premissas [...] se encontram crescentemente em discrepância com os acontecimentos cotidianos.” (SILVA, 1999, p. 31). No dizer de Tomaz Tadeu da Silva, a virada linguística proporcionou a desestabilização de premissas estruturalistas e corroborou para fundar a premissa da significação enquanto fenômeno estritamente social, não podendo as circunstâncias extratextuais de produção serem ignoradas.

Nesse entender, ao retomar aqui a importância da biografia para as ciências humanas em geral, cabe salientar que o surgimento do biográfico e, muitos anos após, de seus questionamentos no que diz respeito a seu caráter subjetivo, romanesco e ficcional, contribuíram para seu enriquecimento receptivo. O reconhecimento da biografia como material de análise e reflexão, mesmo ao apresentar características romanescas, não seria possível caso o paradigma estrutural-formalista ainda fosse vigente; daí a relevância de abordar essas questões, a fim de enviesar perspectivas que concebam o texto biográfico em suas dimensões inerentemente sócio-históricas. A abordagem biográfica, nesse entendimento, possibilita efetuar desvelamentos a respeito de existências individuais e narrativas históricas que se pretendam totalizantes (MITIDIÉRI, 2010).

O gênero biográfico, que se formou ao hibridizar-se com outros gêneros literários, desdobra-se hoje em variadas plataformas de expressão, sejam literárias ou não. Daí a necessidade de abordar as postulações a respeito do Espaço Biográfico, discutido

em Leonor Arfuch (2010), por entender que esse conceito permite englobar, não de forma grosseira, diversos elementos de cunho biográfico numa única acepção teórica. No que diz respeito aos inúmeros textos provenientes do gênero biográfico, não caberá aqui aprofundamento genésico dessas formas, tampouco descrições históricas de evolução desse gênero<sup>2</sup>, pois serão destacados, ao invés disso, possíveis problematizações que o biográfico implica no que concerne às expressões produzidas por sujeitos dissidentes, historicamente recalcados por influências hegemônicas.

A dimensão relacional que o espaço biográfico suscita permite compreendê-lo enquanto instância plural e heterogênea que, apesar de reunir em sua postulação diversas manifestações de cunho (auto)biográfico, não adquire significação homogênea e tampouco globalizadora, pois respeita as formas biográficas em suas constituições expressivas e multimodais. A singularidade desse conceito, como se verá, está em considerar em seu bojo expressões oriundas do meio midiático e/ou informal das relações interpessoais, pois assume a presença desse(s) gênero(s) em múltiplas modalidades de comunicação humana.

## O BIOGRÁFICO, NARRATIVAS DE SI E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Por narrativas de si entende-se as variadas escritas que apresentem elementos autobiográficos, remetendo à expressão de um “eu” constitutivo, sejam por vias explícitas, quando o escritor se declara sujeito de sua escrita, sejam por vias implícitas, quando o sujeito<sup>3</sup> firma sua presença no texto de forma não-declarada. A escrita de si, nesse entendimento, contrariamente à autobiografia tradicional, se constitui não um gênero literário, mas um procedimento, modo de escrita que transita facilmente entre os gêneros. No texto intitulado *Escritas de si*, o pensador francês Michel Foucault estabelece uma discussão a respeito dessa modalidade de escrita, ressaltando as escritas da antiguidade. Foucault analisa que essas expressões tinham a finalidade de desvelar as angústias e de expurgar sentimentos. O ato de se expressar para si mesmo se vincula à *confissão*, compreendida como ato de prostrar-se frente à autoridade religiosa e revelar as mazelas da alma, expurgando seus pecados (FOUCAULT, 2010). Esse procedimento de escrita, para Foucault,

surge também, segundo o texto de Atanásio, como uma arma do combate espiritual: uma vez que o demônio é um poder que engana e que faz com que nos enganemos sobre nós mesmos [...], a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de

2 Para entendimento do paradigma clássico das espécies biográficas, consultar *Como e porque (des)ler os clássicos da biografia* (2010), de André Luís Mitidieri. Para compreensão das formas biográficas em suas dimensões modernas e pós-modernas, consultar *O desafio biográfico: Escrever uma vida* (2015), de François Dosse. Igualmente, a obra de Leonor Arfuch, intitulada *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010), também é recomendação.

3 Por Sujeito entende-se o indivíduo que é transpassado pelas relações sociais e históricas no devir temporal/vivencial. No dizer de Aita e Facci (2000), ao traduzirem Vigotsky (1931/2000, p. 15): “Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas de ordem social, são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda sua natureza é social”.

O pensador francês, ao estabelecer essa discussão no seio de reflexões sobre a correspondência, reconhece as Escritas de Si enquanto ação de escrever para o Outro, cuja identidade é o próprio sujeito que escreve. A expressão de si, nesse contexto sacro, é um processo necessário para expulsar sentimentos e tentações impulsivas. Em *Escrita de Si, Escrita da história* (2004, p. 19-20), Ângela de Castro Gomes endossa essa premissa ao afirmar que a escrita de si, tal qual a correspondência, podem ser “entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê. O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro [...]”.

Pressupondo que o processo de significação humana é eminentemente social (SILVA, 1999), a escrita requer que sejam acionados processos de subjetivação que são inerentes ao fenômeno da linguagem, haja vista que a significação não se efetua enquanto ação de reproduzir significados, mas sim ato de produzir e criar discursos. A escrita, nesse entendimento, se efetua como atividade não passiva que demanda do autor se inscrever em seu texto. Por mais nebulosa e imprecisa, o conceito de escrita de si pode ser entendido no corpo do espaço biográfico. Em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, a teórica argentina Leonor Arfuch aborda as formas biográficas em suas dimensões relacionais, transdisciplinares e multimodais:

O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação. (ARFUCH, 2010, p. 58-59).

A interatividade temática do espaço biográfico corrobora com a concepção multimodal desse espaço, tendo em vista que sua dimensão relacional possibilita conceber as diversas formas biográficas em suas diferentes esferas de veiculação. Para além de aglutinar todas as espécies biográficas em um único sistema conceitual, a noção de espaço biográfico compreende as específicas manifestações oriundas do biografismo e reconhece suas características, a fim de fundar uma abordagem intertextual e interdiscursiva, considerando as formas canônicas e não-canônicas do gênero biográfico, sejam em modalidades escritas, midiáticas, formais e não-formais.

Ao discutirem a respeito da relevância sociocultural de produção e recepção de narrativas biográficas na cultura brasileira contemporânea, Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (2002, p. 143) afirmam que as escritas de cunho biográfico permitem “ordenar a realidade, cristalizando temporariamente identidades, projetos de vida, seja para o sujeito biografado, seja para quem consome este tipo de produto”. Ambos os autores asseveram a importância e de narrativas (auto)biográficas

no atual contexto, tendo em vista que as “narrativas do *self* e da memória vêm se tornando, cada vez mais, cruciais para a organização da sociedade contemporânea” (idem, grifo dos autores).

Compreender a vida do Outro, por assim dizer, implica compreender a própria vida, de modo que desvelar a personalidade de outrem possibilita reconhecer a si mesmo e construir a própria identidade. Nesse contexto globalizante cada vez mais veloz na troca de informações, as relações interpessoais adquirem também caráter muitas vezes urgente e fugaz. No entendimento de Herschmann e Messeder:

Identifica-se, portanto, nessa demanda social por biografias, memórias individuais e de grupo, uma tentativa de compensar a experiência contemporânea de vidas fragmentadas, massificadas, sujeitas a mudanças cada vez mais velozes e com projetos de vida e coletivos cada vez mais fortuitos (2002, p. 144).

Ainda segundo os autores, a mídia, com sua influência nas novas modalidades de narrativas biográficas – *talkshows*, *realityshows*, matérias jornalísticas, programas de auditório e material ciberbiográfico – se antes atenuavam o limbo identitário e fragmentado dos indivíduos, agora auxilia a construção desses sujeitos, que demandam por referências na busca do *Outro* como espelho de si. Ao permitir que seus usuários experienciam agenciamentos afetivos e simbólicos no consumo de biografias, a mídia se estabelece enquanto ferramenta que coopera com a preservação e legitimação das identidades nesse contexto de frequentes mutações sociais, efetuando-se como instância difusora de sentidos e significados, constituindo-se “lugar da memória” (idem, p. 145-146), de modo que as manifestações sociais podem ser reproduzidas, legitimadas e recuperadas.

Ao permitir reordenação e compreensão da realidade, o vasto material biográfico atualmente difundido, em suas plataformas midiáticas ou não, são importantes porque constroem “a sensação de que fazemos parte de uma grande coletividade, isto é, nos sentimos parte de uma “família estendida”, parte da “nação” (HERSCHMANN; MESSEDER, 2002, p. 148, grifo dos autores). Além disso, o interesse pelo biográfico também é abordado pelos autores como voyeurismo, bisbilhotice, curiosidade e interesse do público pelo privado, enquanto interesse pela vida de outrem como entretenimento.

Essa perspectiva de abordagem não será aqui adotada, pois as narrativas biográficas não são concebidas nessa pesquisa como apenas objeto de curiosidade, como simples instância que desperta curiosidade pela intimidade do outro. Muito mais que o interesse pela vida privada, o biográfico e suas modalidades de expressão são concebidos aqui enquanto campo social, histórico e político que permite apreender conjunturas coletivas a partir de óticas individuais, notabilizando sujeitos dissidentes. Trata-se de efetuar, numa crítica biográfica politicamente engajada, “uma leitura pós-colonial do gênero autobiográfico” (SOUZA, 2011, p. 18), contraditando formulações discursivas hegemônicas, como assevera Eneida Maria de Souza:



As diversas modalidades de atualização das narrativas autobiográficas, longe de se constituírem como exacerbação de individualidades ou narcisismo excessivo, exercitam o direito à expressão de vozes anteriormente excluídas dos discursos hegemônicos. (2011, p. 30-31).

A visada contra-hegemônica tematizada por Eneida Maria de Souza corrobora com a noção de espaço biográfico postulada por Leonor Arfuch, pois esse espaço abrange diversos gêneros (auto)biográficos em suas características transdisciplinares, reforçando leituras a contrapelo por negar a univocidade desses gêneros, destituindo-os de suas denominações universais, engessadas. Os relatos autobiográficos escritos e publicados por Amara Moira em *E seu eu fosse puta*, por exemplo, se enquadram no seio desse espaço, bem como a coletânea de contos *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, haja vista que a pensadora argentina estabelece exemplificações dos múltiplos gêneros e formas que compõem o espaço biográfico:

Um primeiro levantamento não exaustivo de formas no apogeu – canônicas, inovadoras, novas – poderia incluir: biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos –, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada *reality painting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do show (talk show, reality show), a videopolítica, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmicas. (ARFUCH, 2010, p. 60).

O espaço biográfico implica múltiplas modalidades de enunciação ao pressupor que há elementos (auto)biográficos em diversas e variadas circunstâncias expressivas e comunicacionais, de modo que são abrangidos desde produções canônicas até as mais inovadoras manifestações de teor íntimo/pessoal. Os escritos de Amara Moira apresentam aspectos autobiográficos típicos dos gêneros diário íntimo, memórias e relatos de vida, sendo passíveis de serem inseridos no espaço biográfico. Por outras vias, as narrativas de Geovani Martins também se inserem nesse espaço, pois apresentam características (auto)biográficas que se mostram por meio da utilização de recursos comuns às tipologias do romance, retratos e contos.

Ambos os livros possuem aspectos que o remetem à autobiografia, pois apresentam elementos que citam e referenciam aspectos vivenciais de suas trajetórias de vida. Em *O pacto biográfico: de Rousseau à internet*, Philippe Lejeune (2008, p. 14) define a autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Desse modo, o estudioso francês ainda afirma que para haver autobiografia, é necessário que seja evidente uma correlação entre as identidades do autor, do narrador e do personagem. Nesse contexto, Lejeune conceitua o “pacto autobiográfico”, espécie de acordo implicitamente efetuado entre autor e seus leitores, na qual os receptores acreditam na veracidade dos relatos do autor. Esse

pacto de leitura é necessário para que a autobiografia produza os efeitos de verdade pretendidos. Se os fatos narrados darem margem à dúvidas, esse pacto é quebrado.

Lejeune efetua releituras de seus próprios conceitos, problematizando seus postulados teóricos e atualizando outros, de modo que sua definição de autobiografia fica à deriva, tendo em vista os processos subjetivos que envolvem o ato de escrita. Acerca disso, Lejeune comenta a respeito das escritas autobiográficas e seus inerentes processos de subjetivação: “dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário”, processo a mercê de esquecimentos, invenções e lacunas memoriais (2008, p. 65-66). Leonor Arfuch (2010, p. 55) reforça essa prerrogativa ao citar o pressuposto bakhtiniano de que “não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre experiência vivencial e a “totalidade artística”” (grifo da autora).

O problema da não identificação entre o autor e obra, a impossibilidade de narrar a (própria) vida, de reproduzi-la por meio da arte, se antes fora discutida e questionada também por Pierre Bourdieu, encontra vias de solução com Arfuch na discussão do “valor biográfico”. O valor biográfico se efetua enquanto instância implícita do(s) gênero(s) (auto)biográficos, permitindo ordenar e significar as vivências de si e do outro. Nesse aspecto, a questão não se limita a questionar a identidade/veracidade entre autor e obra, mas sim de reconhecer as implicações que a prática biográfica estabelece na vida do escritor e do leitor, dos produtores e receptores: “é precisamente esse valor biográfico – heroico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou no amor aos próximos – que impõe uma ordem à própria vida [...]” (ARFUCH, 2010, p. 56).

Ao considerar o valor biográfico presente em produções de cunho (auto) biográfico, são viesados posicionamentos engajados acerca das escritas de si, pois as discussões estético-formais sobre os processos de subjetivação são superadas, abrindo caminhos para abarcar os condicionantes individuais, sociais e históricos de produção biográfica, sem necessidade de delongar-se em discussões acerca da não-identificação entre autor, narrador e personagem. A concepção de valor biográfico efetua-se como ponte para compressão do espaço biográfico, entendido não apenas como nomenclatura que reúne todas as espécies biográficas, mas compreendido enquanto campo que reconhece a instância produtiva – orgânica – das expressões (auto)biográficas e restabelece vínculos entre experiência de vida e experiência literária.

Esse valor biográfico, ao se furtar das lacunas e questões relativas aos processos de subjetivação, possibilita abordar produções oriundas de contextos marginalizados em seu caráter pungente: escrita empenhada por sujeitos historicamente segregados que se inserem em suas narrativas com vias a destacar expressões que denunciam e questionam estruturas hegemônicas de organização social. Tendo em vista as constantes hibridizações do gênero (auto)biográfico, suas aberturas e possibilidades de abordagem, opta-se por se referir às expressões de Amara Moira e Geovani Martins

como frutos de *escritas de si*, termo aqui adotado por considerá-lo abrangente, passível de transitar por entre as inúmeras formas de cunho autobiográfico.

## A EMERGÊNCIA DOS SUJEITOS PERIFÉRICOS NAS ESCRITAS DO EU

A ascensão de perspectivas expressivas que solapam discursos hegemônicos e totalitários advém de intensos movimentos de subversão e resistência que, se não findaram plenamente as formas de opressão e segregação social, impugnam aos sistemas de significação novas formas de compreensão e abordagem social. Nesse desvém, foram efetuadas releituras da história a contrapelo, protagonizando sujeitos outrora emudecidos por influências hegemônicas.

Encontrando vias de expressão e reinvidicação, camadas historicamente marginalizadas da sociedade obtêm ascensão no combate contra as formas de exploração, havendo frequentes levantes por demandas sociais mais democráticas e inclusivas. Desse contexto, surgem as políticas de identidade, aqui entendidas enquanto práticas e ações de cunho sócio-político que intervêm nos diversos meios, a fim de requerer direitos às minorias, problematizando e denunciando as estruturas excludentes que perpetuam desigualdades.

Em um contexto de frequentes questionamentos aos saberes vigentes, as políticas de identidade se insurgem em favor de grupos excluídos, de modo que “os questionamentos lançados às epistemologias canônicas, às estéticas dominantes, aos códigos culturais oficiais partem precisamente de grupos sociais que não se veem aí representados” (SILVA, 1999, p. 33). Período fulcral de insurgências desses grupos não representados, os anos 60/70 foram marcados por constantes revoltas que reclamavam direitos às mulheres, negros e sujeitos sexualmente dissidentes: LGBTQI+. Ainda no dizer de Tomás Tadeu da Silva (1999), “há uma revolta das identidades culturais e sociais subjugadas contra os regimes dominantes de representação. É essa revolta que caracteriza a chamada “política de identidade” (p. 33, aspas finais do autor).

O movimento de contracultura *Hippie*, nesse contexto, se estabeleceu como ideologia e estilo de vida que antagonizava o sistema capitalista e a empreitada imperialista estadunidense, negando valores tradicionais e nacionalistas, atuando em ativismos – a militância contra a Guerra do Vietnã, por exemplo – e pregando ideais de fraternidade e comunhão. De teor mais engajado e rebelde, o movimento *Panteras Negras* demarca-se nos anos de 1960 ao reivindicar tratamento igualitário para a comunidade negra, denunciando o massacre de negros e negras nos distritos norte-americanos. Notadamente subversivos, impetuosos e desafiadores, os *Panteras Negras* se inspiram no legado deixado pelo líder da luta contra a opressão dos negros, Malcolm X, e radicalizam suas ações contra o racismo após o trágico assassinato do ativista pelos direitos civis dos negros, Martin Luther King, em 1968; seus ecos revolucionários reverberam ainda hoje por meio das lutas sociais.

O movimento feminista também conquista protagonismo nesse período, havendo

intensas insurgências em favor do direito pelo voto, contra a opressão doméstica e o patriarcalismo estrutural, de modo que sua luta se faz sentir nos direitos atualmente garantidos às mulheres, porém ainda não plenamente cumpridos. No bar *Stonewall*, 1969, em Nova York, um grupo de homossexuais se rebelam contra a homofobia perpetrada pela força policial, dando início a uma série de manifestações em favor da comunidade gay. Os protestos em *Stonewall* culminaram numa das mais significativas subversões ao sistema anti-homossexual americano. No dizer de Jameson (1992, p. 86), dentre as inúmeras interpretações que podem ser feitas do levante das minorias durante os anos 60, destacam-se as que concebem esses movimentos

como um processo mais classicamente hegeliano da conquista da autoconsciência de si pelos povos oprimidos; ou explicado com base em uma concepção da esquerda pós-luckacsiana, ou mais marcusiana da emergência de novos “sujeitos da história” que não são uma classe (negros, povos do Terceiro Mundo); ou finalmente esclarecido por alguma noção pós-estruturalista, de inspiração foucaultiana [...] da conquista do direito de falar com uma nova voz coletiva, nunca antes ouvida nos palcos do mundo, e da concomitante supressão dos intermediários [...].

Ao suprimir esses intermediários que falavam em nome dos oprimidos, os indivíduos subjugados se engajam nas políticas de identidade em ascensão dos anos 60 e começam por expressar suas vivências/experiências, construindo novas formas prático-teóricas de compreensão social. Nesse contexto e, de forma aqui abrangente, se inserem os Estudos Pós-coloniais e os Estudos Culturais que, em sua vertente latino-americana e na contramão do multiculturalismo relativista e segregacionista estadunidense (CANCLINI, 2015), fundou discussões epistemológicas legitimamente comprometidas em desvelar as malhas culturais e simbólicas que tecem as relações de poder e subalternidade nas sociedades (pós)modernas.

A emergência dos sujeitos periféricos impulsionada pelas políticas de identidade e pelos movimentos sociais emergentes dos anos 60 começa por solapar a colonialidade do saber, de modo que as estruturas econômicas vigentes se constituem marco de questionamentos. Os estudos pós-coloniais, por sua vez, protagonizam grupos minoritários e efetuam releituras do sistema colonial “como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou “global” das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação” (HALL, 2003, p. 109). Nesse entendimento, ao desestabilizar narrativas eurocentradas, a teoria pós-colonial permite encampar releituras a contrapelo do poderio hegemônico imperialista. Para Edward Said (2011):

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado — como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência (p. 255).

Tais movimentos de resistência se fazem sentir em constructos teóricos e artísticos de camadas marginalizadas que, ao compartilharem seus saberes e angústias numa conjuntura perpetradora das antigas formas de dominação colonial, efetuam leituras descentradas. A escrita se estabelece enquanto prática de resistência que corrobora para a conscientização das classes subalternizadas, reforçando o engajamento político por meio da atuação social, política, acadêmica e artística. Ao questionar as balizas de um legado patriarcal e europeu, essas abordagens a contrapelo asseveram o “desvelamento da colonialidade do saber segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação da tendência hierarquizante da diferença, como seja, por exemplo, o eurocentrismo” (MATA, 2014, p. 31). Ainda no dizer de Inocência Mata, é urgente que sejam abordados perspectivas e *insights* que deem atenção “à análise das relações de poder, nas diversas áreas da atividade social caracterizada pela diferença: étnica, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual...” (idem).

Dessas áreas de atividade social mencionadas por Mata, podem ser analisadas as manifestações de cunho (auto)biográfico que, confluindo com os movimentos sociais identitários dos anos 60, se constituem ferramenta para expressão dos sujeitos insurgentes, principalmente porque, em âmbito nacional, “esse renovado leque biografista inaugurava-se ao final da década de 70, na zona do testemunho, e através do resgate às memórias da repressão pós-64.” (MITIDIERI, 2010, p. 20). A literatura de testemunho, de caráter autobiográfico, dentre outros enfoques, explicita os traumas vivenciados por indivíduos vítimas do cárcere e da opressão policial/ditatorial, adquirindo notável destaque no cenário literário.

No Brasil, de acordo com Eneida Maria de Souza, a proliferação de textos autobiográficos não demorou a ter destaque na história da literatura contemporânea, “principalmente com a abertura política no Brasil e a volta dos ex-exilados ao país. O registro das experiências vividas durante o período de ditadura militar inaugura outra modalidade de relato.” (2011, p. 151). Desse modo, os assassinatos e traumas perpetrados pelos anos de chumbo são narrados pelas testemunhas sobreviventes. Para Jaime Ginzburg (2012), passam a vigorar na literatura brasileira perspectivas historicamente emudecidas, sendo ressaltadas narrativas que demarcam a presença dos excluídos. Segundo Eneida Souza:

Se a febre biográfica atingiu vários setores da vida cultural, são evidentes as causas de sua expansão pelos discursos das minorias, redefinidores de identidades e de lugares políticos. As reivindicações não se limitavam a substituir o emprego de pronomes pessoais, a terceira pela primeira pessoa, mas em deslocar o papel dos mediadores culturais, porta-vozes do outro (2011, p. 31).

Nesse entendimento, deslocar o papel dos mediadores culturais requer também empregar uma crítica biográfico-acadêmica considerando sua dimensão compósita, híbrida e transdisciplinar (SOUZA, 2007). Operar essa crítica biográfica por vias

acadêmicas, como brevemente se fará no presente estudo, implica reconhecer a dimensão subjetiva e teórico-ficcional envolvidos no processo de escrita, pois o sujeito pesquisador, sabendo-se produto do porvir histórico-discursivo, está ciente que sua pesquisa também possui caráter autobiográfico.

Leonor Arfuch (2010) considera a escrita acadêmica como constituinte do espaço biográfico, cabendo reconhecer que o presente estudo está não apenas inserido nesse espaço, mas também o dinamiza, atestando sua organicidade. Em *Políticas da crítica biográfica* (2010, p. 36), Edgar Cézar Nolasco assevera que “O campo do *bios*, ou melhor, da crítica biográfica, é regido por um saber biográfico resultante da inter-relação entre vida, obra e cultura, tanto do sujeito analisando (escritor, artista, intelectual) quanto do analista (crítico, intelectual)”. Nesse entender, o sujeito-pesquisador é parte integrante da crítica biográfico-acadêmica que se opera no presente estudo, de forma que considerar os liames autobiográficos presentes em obras literárias também implica abordar, mesmo de maneira implícita, os aspectos autobiográficos do estudante que vos escreve.

Cézar Nolasco reforça essa premissa ao afirmar que “podemos dizer que à medida que o crítico biográfico escreve a biografia do outro, constrói-se, simultaneamente, sua própria autobiografia” (2010, p. 42). Escrito nas saletas da universidade e no recinto do ambiente doméstico, esse estudo transparece uma característica autobiográfica do pesquisador: a de um sujeito ciente e afetado pelas formas de opressão social, que se engaja na pesquisa acadêmica como maneira de rasurar perspectivas excludentes. Nesse sentido, defende-se a urgência de protagonizar esses sujeitos que produzem diferenças, articulando o pessoal com o social, propositando destacar suas vivências enquanto campo de reflexão.

## REFERENCIAS

AITA, Elis Bertozzi. FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, 2011.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: Barthes, Roland. **Rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2015.

FOUCAULT, Michel. Escritas de Si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran

Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estética –literatura e pintura, música e cinema (vol.III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea, **Tintas**: Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, Milão, n. 2, p. 199-221, 2012.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília, 2003.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: OLINTO, Heidrum Krieger. SCHØLLHAMER, Karl Erik (Orgs.). **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

JAMESON, Frederic. Periodizando os anos 60. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Ed.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 81-120.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêtricas, **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, 2014.

MITIDIERI, André Luis. **Como e porque (des)ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 2010.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: **Cadernos de estudos culturais: Crítica Biográfica**. v. 2, n. 4. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010, v. 2, n. 4, p. 35-50.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política no texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

SOUZA, Eneida M. de Souza. **Janelas Indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007. p. 105-113.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Angela Maria Gomes** - Licenciada em Letras; Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) e Coaching em Desenvolvimento Profissional.

Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa.

Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal.

Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr.

Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”;

Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cognition, assim como instrutora de formação continuada para professores na Sem Fronteiras Tecnologia para Educação.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise crítica do discurso 33, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 111

Análise do Discurso de Perspectiva Francesa 11

Aparências 11, 15, 16, 17, 18, 19

Atores sociais 101, 103, 104, 105, 106, 111

### C

Chão Bruto 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76

Cinema 64, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88

Colaboração 1, 2, 3, 4, 5, 9, 114

Colonialidade 33, 34, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 61, 62

### D

Decisão judicial 33, 47

Depressão 11, 12, 18, 19, 20

Discurso 2, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 70, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 100, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 113, 139

### E

Educação Básica 112, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 129, 134

Educação inclusiva 33, 34, 36, 37, 38, 42, 47, 48, 92, 99

Eliane Brum 142, 143, 145

Empoderamento 28, 101, 102, 110, 111

Espaço Biográfico 50, 54, 55, 56, 58, 59, 63

Estudantes com deficiência Visual 89, 90, 93, 94, 96, 97, 99

Excluídos 18, 50, 60, 62, 120

### F

Faroeste 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87

Feminismo 21, 22, 28, 29, 30, 31

Foco narrativo 82, 142

Formação continuada 1, 3, 9, 147

Formação docente 1, 5, 6, 9

Formação do Professor 2, 99, 123, 124

### H

Hernâni Donato 65, 66, 72

### J

Jornalismo literário 142, 143, 144, 145, 146

## L

LE 1, 112, 116  
Letramento 89, 91, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 135  
Letramento literário 123, 124, 126, 127, 128, 129, 135  
Língua Espanhola 112, 116, 117, 118, 120, 121, 122  
Linguística 1, 8, 9, 11, 21, 24, 27, 33, 38, 49, 50, 53, 54, 65, 77, 89, 90, 99, 101, 103, 105, 111, 112, 115, 116, 118, 122, 123, 138, 142, 147  
Literatura Amazonense 123, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136  
Literatura Social 65

## M

Mal Secreto 11, 12, 14, 15  
Maria Moura 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88  
Memes 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32  
Minissérie 77, 78, 80, 81, 85, 86, 87  
Mulher 28, 29, 30, 31, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 109  
Multimodalidade 21, 22, 24, 28, 32, 138, 139, 140, 141

## P

PEC 241/2016 112  
Pessoa com deficiência 33, 34, 35, 36, 41, 43, 48, 91  
Políticas de identidade 50, 60, 61  
Prática discursiva 21, 23, 26, 27, 30, 31, 38, 41  
Prática inter-reflexiva 1, 5, 6, 7, 9

## R

Raimundo Correia 11, 12  
Recursos tecnológicos 23, 89, 93, 95, 98, 138  
Repórter-personagem 142, 143  
Representação de futuro 101, 107  
Ressemioticação 138

## S

Sociolinguística interacional 138, 139, 140

## T

Texto multimodal 21, 24, 25, 138

## V

Vídeos 25, 138, 139, 140  
Vinculação 22, 142, 143, 144, 145

